

Universidade Federal Fluminense

LUCAS CAMPOS DE SOUZA

**Elitização das arquibancadas do Maracanã: dos geraldinos e arquibaldos dos
idos tempos ao *Padrão FIFA*.**

Niterói - RJ

2019

LUCAS CAMPOS DE SOUZA

**Elitização das arquibancadas do Maracanã: dos geraldinos e arquibaldos dos
idos tempos ao torcedor *Padrão FIFA*.**

Monografia apresentada como trabalho de conclusão de curso para obter o título de Bacharel em Produção Cultural pela Universidade Federal Fluminense sob orientação de conteúdo do professor João Luiz Pereira Domingues.

ORIENTADOR: João Luiz Pereira Domingues

LUCAS CAMPOS DE SOUZA

Ficha catalográfica automática - SDC/BCG
Gerada com informações fornecidas pelo autor

S719e Souza, Lucas Campos de
Elitização das arquibancadas do Maracanã : Dos geraldinos
e arquibaldos dos idos tempos ao torcedor padrão FIFA / Lucas
Campos de Souza ; João Luiz Pereira Domingues, orientador.
Niterói, 2019.
42 f. : il.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Produção
Cultural)-Universidade Federal Fluminense, Instituto de Arte e
Comunicação Social, Niterói, 2019.

1. Estádio do Maracanã. 2. Estádio Mário Filho. 3.
Gentrificação. 4. Produção intelectual. I. Domingues,
João Luiz Pereira, orientador. II. Universidade Federal
Fluminense. Instituto de Arte e Comunicação Social. III.
Título.

CDD -

Bibliotecária responsável: Thiago Santos de Assis - CRB7/6164



ATA DE APRESENTAÇÃO DE TRABALHO FINAL DO CURSO DE PRODUÇÃO CULTURAL

IDENTIFICAÇÃO DO TRABALHO

Nome do Candidato: **LUCAS CAMPOS DE SOUZA** Matrícula: **213 033 079**
Título do Trabalho: **A ELITIZAÇÃO DAS ARQUIBANCADAS DO MARACANÃ, DOS GERALDINOS E ARQUIBALDOS AOS DIOS TEMPOS DO TORCEDOR "PADRÃO-FIFA".**
Orientador(a): **Dr. JOÃO LUIZ PEREIRA DOMINGUES**
Categoria: **MONOGRÁFICA** Data de Apresentação: **15/04/2018**

BANCA EXAMINADORA

1º Membro (Presidente): **Dr. João Luiz Pereira Domingues**
2º Membro: **Bac. Gustavo Portella**
3º Membro: **Ma. Lutz Carlos Mendonça**

AVALIAÇÃO

Análise / Comentários:

A banca destaca a pertinência da temática, de
saltando o entendimento do dirigente sobre a
relação da mídia ao esporte, e o campo cul-
tural. Assim, destaca a abordagem que procura
centrar as tensões entre a classe empresarial,
as forças seletivas - âncora, a identi-
ficação e os usos culturais das práticas
desportivas.

Nota Final (média das três integrantes da Banca Examinadora):

10,0 (100%)

ASSINATURAS

1º Membro (Presidente)

2º Membro

3º Membro

SUMÁRIO

1 Introdução.....	5
2 Rio de Janeiro: futebol e dimensões urbanas.....	8
3 Dos geraldinos e arquibaldos dos idos tempos ao torcedor padrão-FIFA	16
3.1 O histórico “Maior do mundo”.....	16
3.2 Administração publica x consórcio.....	18
3.3 O Maracanã em um contexto de modernização.....	24
4 O torcedor e seu lugar no estádio e na cidade.....	27
4.1 A palavra dos torcedores.....	30
5 Considerações finais.....	39
Bibliografia.....	41

1 Introdução

Inaugurado em 1950 o Estádio Mario Filho, conhecido pelo nome de seu bairro, o Maracanã, foi estabelecido no imaginário popular dos cariocas como um símbolo da cidade, um ponto turístico com apelo por ser um dos grandes templos do futebol no mundo e palco da final da Copa do Mundo de 1950 e 2014. Isto resultou em uma história de profunda ligação entre o estádio e os cariocas, que viveram nele momentos inesquecíveis de suas vidas e de seus times do coração, vendo inúmeros craques jogando e eternizando uma maneira particular de torcer, construída ao longo do século XX. Período este no qual o esporte se tornou o mais popular no Brasil, vindo a se constituir um elemento de manifestação cultural. Tendo o estádio inclusive sido tombado pelo IPHAN, incluído no Livro Arqueológico, Enográfico e Paisagístico desde 2000 (CHIMENTO, 2016, p.111).

Porém, o fato de o Rio de Janeiro sediar grandes eventos nas duas primeiras décadas do século XXI criou as condições para a realização de reformas na arquitetura original de alguns espaços públicos, sob a justificativa de adequação dos mesmos às diversas exigências dos comitês organizadores de tais eventos, como o próprio Maracanã, que foi um dos espaços, neste sentido, mais modificados. Aquele estádio, cujo charme provinha do fato de ser um estádio histórico, que guardava a memória de grandes jogos, sendo um espaço em que era possível se ver a presença de várias classes sociais, devido a sua disposição de espaços e respectivamente a política de preços para cada um deles, deu lugar a uma arena *padrão-FIFA*, adequada aos novos padrões de lucratividade agregada à direitos de transmissão de imagens, ao mesmo tempo, excluindo as camadas mais pobres da sociedade, resultando, como aponta Carvalho (2017, p. 13), em uma *gentrificação*¹ do público.

Houve uma mudança no modelo de gestão para um consórcio de empresas privadas. Desde então houve uma mudança clara para o perfil de torcedor que o consórcio visava explorar comercialmente. O processo de licitação previa, ainda, a demolição do parque aquático Júlio Delamare , da pista de atletismo Célio de Barros, que ainda fazem parte do complexo do

¹ Processo de transformação de espaços urbanos através da mudança de grupos sociais com acesso ao local. Substituição de representatividade das camadas de baixa renda pelos representantes das classes mais abastadas.

Maracanã, bem como a demolição da Escola Estadual Arthur Friedenreich e do museu do índio. Tal processo foi bastante polêmico e houve reação de manifestantes contrários à privatização com manifestações durante a reabertura. Esses protestos continuaram em um contexto geral de passeatas por todo país exigindo atenção para carências básicas da população que estariam sendo sucateadas devido a investimentos em obras bilionárias como, por exemplo, o próprio Maracanã e outros estádios que eram sedes previstas para a Copa das Confederações e, posteriormente, para a Copa do Mundo que ocorreria no ano seguinte.

Tendo em vista tal contexto. Uma consequência imediata foi o afastamento de uma parcela de frequentadores em relação ao Maracanã. E é justamente esta a questão principal abordada nesta pesquisa. O objetivo do presente trabalho é colocar nuances e diferentes perspectivas da mudança no conceito de gestão do estádio, o sentimento dos cariocas em relação ao novo Maracanã, a coerência do estádio e de seu custo operacional com o momento econômico do país e consequentemente com o futebol que aqui é apresentado e como se dá a relação histórica entre o Brasil e o esporte mais popular entre os brasileiros.

No primeiro capítulo, será o explorado o referencial teórico de modo a justificar a relevância do tema. Sob a ótica do conceito de “direito à cidade”, abordado, por exemplo, por David Harvey em seu livro “Cidades Rebeldes” (2014). Alguns dos aspectos da nova gerência a serem abordados serão os preços de ingressos, serviços e manutenção. Bem como autores que dialoguem acerca da influência do futebol nos costumes brasileiros – hábitos, memória e noção de entretenimento – associados. O futebol como um terreno no qual o Brasil conseguiu triunfar de maneira irrefutável, é um dos pontos sobre os quais nossa identidade perante o mundo se constrói, tendo ressonância em todos os espaços da vida social e constituindo-se num fator de integração nacional. E, desta forma, até quem não aprecia o esporte, é constantemente exposto à onipresença do mesmo, como lembra Couto (2009, p. 9). Ademais, também se faz notória a necessidade de entender no que consiste o processo no qual se atravessa no Brasil de construção de novas arenas.

O capítulo seguinte, intitulado “Dos Geraldinos e arquibaldos aos idos tempos do torcedor padrão-FIFA”, apresenta um apanhado histórico do Estádio do Maracanã que passa por diversos elementos, tais como: A construção da relação entre o público e o estádio em seus primeiros anos que coincidem com o surgimento de uma geração de craques que deram a uma partida de futebol uma plasticidade associada à ginga, à esperteza, à molecagem e à traquinagem de jogadores

criativos e populares como Garrincha, Didi, Nilton Santos, Pelé e tantos outros. A afirmação do futebol brasileiro enquanto potência de nível mundial. Simbolizada pelos primeiros três títulos de Copas do Mundo conquistadas em 1958, 1962 e 1970. Seu uso político e elementos da gestão pública e sua transição para a gestão privada.

No terceiro capítulo, através da metodologia de pesquisa adotada que consiste resumidamente na leitura de autores especialistas acerca do tema, elaboração de um roteiro de entrevista, semiestruturado e coleta de dados em locais estabelecidos previamente como em bares nos quais torcedores se reúnem atualmente para assistir as partidas do seu time, o espaço ao redor do estádio em dias de jogos e com frequentadores de longa-data do estádio para que seja possível analisar como se dava tal dinâmica antes e após a reforma.

Por fim, o ultimo capítulo contém uma conclusão sobre considerando os depoimentos colhidos e as reflexões estabelecidas ao longo do presente trabalho, levantando questões a serem pensadas no recorte do caso Maracanã e o que se torna mais evidente nas falas utilizadas na análise de resultados.

2 Rio de Janeiro: Futebol e dimensões urbanas.

Conforme mencionado anteriormente, esta pesquisa objetiva olhar a questão relativa a mudança da dinâmica entre o frequentador tradicional do Maracanã em relação ao estádio pós reformas em 2013. Para tal podemos relacionar o Maracanã com a perspectiva do “direito à cidade”, abordado, por exemplo, por David Harvey em seu livro “Cidades Rebeldes” (2014). Harvey (2014) define o “direito à cidade” como um direito de reinventá-la de acordo com as expectativas e os desejos de cidadãos, sendo assim, muito mais um direito coletivo do que individual. O autor prossegue afirmando que a maneira como a urbanização e o capital se colocam dentro de uma estrutura neoliberal se dá por meio do investimento de quem possui os excedentes do capital, visando à exploração econômica dos espaços da cidade e comercializando, por conseguinte, o direito a acessá-la.

Uma consequência brutal deste processo é a exclusão de quem não tem acesso ao excedente. Pode-se dizer que tais efeitos se dão no processo de transformação do espaço do estádio do Maracanã, de modo que sua exploração econômica resulte no afastamento dos que não conseguem encaixar-se diante da imposição do modo de vida urbano que empresários e empreiteiros têm colocado em prática. Diante de tal cenário, convém destacar que Harvey caracteriza o que seria uma manifestação justa na luta pelo direito à cidade da seguinte forma:

Maior controle democrático sobre a produção e o uso do excedente. Uma vez que o processo de urbanização é um dos principais canais de uso, o direito à cidade se configura pelo estabelecimento de controle democrático sobre a utilização dos excedentes na urbanização (HARVEY, 2013, p.61).

O Maracanã está incluído em um processo que chegou ao Brasil com a transformação de estádios tradicionais em Arenas de padrão internacional com o discurso de que é preciso modernizar os estádios e o futebol brasileiro. No século passado, na época da construção do Maracanã, inaugurado em 1949, promovia-se a ideia de um Estado presente e forte. Como bem aponta Irlan Simões da Cruz Santos (2014), em diferentes momentos históricos o futebol fora utilizado, inclusive, como instrumento publicitário e a construção de grandiosos estádios constituiu uma das principais ferramentas de articulação política e busca de popularidade de

governos. Um exemplo disto era a presença e celebração de chefes de Estado em partidas de futebol.

Figura 1 - Presidente Médici no Maracanã em 1970.



Fonte: Memórias da ditadura²

A ressonância na sociedade se faz presente ao colocarmos as fases que o futebol atravessou no país e verificarmos a ligação do mesmo com o histórico e elementos sócio econômicos do Brasil no final do século XIX e do século XX.

É muito em função disso que se pode dividir a história do futebol brasileira em várias fases. Em outras palavras, em fases que refletem o que o esporte vem representando ao longo do tempo na sociedade brasileira, sucessivamente como passatempo de poucos, esporte da elite, elemento de integração, paixão popular, profissão, meio de afirmação nacional, instrumento político, uma arte brasileira e

² Disponível em <http://memoriasdaditadura.org.br/futebol/index.html>>. Acesso em 19/02/2019.

finalmente como negócio milionário e global dentro do qual o Brasil representa importante papel (MÁXIMO, 1999, p.186).

Deste modo, o futebol, como parte integrante do cotidiano brasileiro, de alguma maneira, ainda ganha espaço em todas outras formas de expressão cultural no Brasil, adquirindo importância enquanto objeto de estudo na academia, em suas interações com diversas ciências.

Na universidade, onde foi ignorado ou menosprezado durante décadas como assunto menor, o futebol ganha cada vez mais status de objeto sério de estudo em suas interfaces com a antropologia, a história, a sociologia, a comunicação, a psicanálise, a filosofia (COUTO, 2009, p. 64).

Dentro do Maracanã o futebol brasileiro encontrou seu templo e o carioca encontrou um local de entretenimento. De domingo a domingo o estádio recebia uma multidão para assistir aos clássicos entre os clubes e, ocasionalmente, aos jogos de seleção brasileira. Tratava-se de uma opção de lazer acessível aos cariocas pela sua estrutura interna bem estabelecida e sua localização em meio à zona norte da cidade, próximo ao tradicional bairro da Tijuca. Havia, dentro da disposição arquitetônica do estádio, a arquibancada, as cadeiras numeradas e a geral³. Nas arquibancadas do Maracanã, ecoavam as torcidas organizadas, os cânticos e as charangas⁴. As cadeiras eram vistas com certo desdém por serem numeradas afinal, como dizia Neguinho da Beija-Flor em seu samba “O Campeão (Meu Time)”, datado de 1979, “não quero cadeiras numeradas. Eu vou de arquibancada pra sentir mais emoção”.⁵

A engrenagem dos clubes, federações e confederações no Brasil expõe casos de corrupção e falta de transparência e incompetência. Uma decorrência do processo de Globalização⁶, uma vez que o esporte movimentava cada vez mais cifras, acaba por expor uma fragilidade ética e administrativa do futebol tanto pelas federações regionais, quanto pelos clubes. (Couto, 2009).

3 Denominação do setor onde, até o ano de 2005, os torcedores assistiam aos jogos de pé, em posição abaixo do nível do campo. Em tal local não havia divisão entre as torcidas.

4 São chamadas “charangas” torcidas organizadas cuja característica notória é a presença de instrumentos de sopro acompanhando os cânticos da torcida.

5 NEGUINHO DA BEIJA-FLOR. **O campeão (Meu time)**. Rio de Janeiro. Gravadora Top Tape: 1979. Compacto Simples (02h06min min)

6 Segundo Bauman, “o processo de concentração de capitais, das finanças e todos os outros recursos de escolha e ação efetiva, mas também de concentração da liberdade de se locomover e agir” (Bauman, 1999, p.78).

Esta fragilidade pode ser tida como originária do discurso de que “é preciso modernizar o futebol brasileiro”.

O discurso de modernização é ainda utilizada como justificativa para transformação de estádios em Arenas, sob o pretexto que tornem a experiência de ir aos jogos mais segura e confortável e conseqüentemente trazer famílias aos estádios. Contudo, a primeira ideia colocada em prática é sempre a elevação do preço dos ingressos, o que afeta diretamente o público realmente apaixonado pelo clube, sujeito social que normalmente é proveniente das camadas proletárias da população, enquanto torcedores de classe média alta tem a visão do futebol como uma alternativa de diversão entre tantas outras. Sendo assim, podemos concluir que ao planejar que “famílias” voltem a frequentar o estádio. Um modelo de família é estabelecido. É a família de classe média/alta que seja um torcedor-consumidor em potencial.

O potencial que o futebol tem de catalisar tensões ideológicas e morais é notável. Os astros do esporte estão inseridos no mundo da moda, sendo espelhos para uma juventude que sonha em chegar aonde os seus ídolos chegaram. Por isso mesmo, a imagem dos mesmos está sendo constantemente exposta em redes sociais e mídias corporativas, em uma estrutura na qual Debord (1967) já situava quando analisa a chamada “Sociedade do Espetáculo”⁷.

Não é raro existirem, nos clubes e federações, personagens que se perpetuam no poder e por conseqüência têm participação direta na fragilidade ética mencionada. Não se cogita a mudança estrutural em termos políticos do futebol brasileiro e sim se utiliza o discurso da modernização do “espetáculo”. Defendem-se estádios modernos e confortáveis que recebam melhor o público que esteja dentro de um padrão pretendido pelos gestores e suas famílias para torcer pelo seu clube. Bem como afastar dos estádios torcedores que possuam envolvimento com brigas entre torcidas. Por trás da ideia, há a medida de aumentar o preço do ingresso, elitizando o público.

Por meio destas transformações ditas como necessárias, o setor do estádio do Maracanã que recebia os torcedores por um preço mais acessível foi fechado. Trata-se da “Geral” que abrigou durante 55 anos os torcedores que assistiam ao jogo de pé. Com uma postura alegre que caracterizasse o setor, os geraldinos marcaram época e o local se tornou uma lenda. Viam-se as manifestações bem espirituosas, espontâneas e bem-humoradas que retratavam diversos aspectos

⁷ Guy Debord define que, nas sociedades modernas, substituiu-se a vivência pela representação, ou seja, as relações sociais passaram a serem mediadas por imagens. “O que aparece é bom, o que é bom aparece”.

socioeconômicos de seu cotidiano. Era comum que jogadores comemorassem seus gols correndo em direção à “geral”. Ademais, a geral existiu desde a inauguração do Maracanã até 2005, quando uma reforma para adequar o estádio as exigências do Comitê Olímpico Internacional, para receber os jogos Pan-americanos de 2007, rebaixou o campo, colocou cadeiras onde antes ficava a “Geral”. Os gerdinos ficaram sem o seu espaço. Este “despejo” foi assunto em dois documentários. “Gerdinos” de Pedro Asberg e “Adeus, Geral” produzido por Gustavo Altman, Martina Alzugaray, Matheus Bosco, Pedro Arakaki e Pedro Junqueira, no qual depoimentos mostram o saudosismo e o significado daquele espaço para tais frequentadores.

O caso Maracanã é, possivelmente, o maior símbolo desta era de grandes eventos no Rio de Janeiro. Foi a principal obra para a Copa do Mundo, sendo reformulado com algumas poucas semelhanças arquitetônicas e um novo modelo de gestão. Sua gestão, que havia ficado a cargo ficou do poder público desde sua inauguração até as reformas para a Copa do Mundo de 2014, quando foram determinadas reformas para adequar o estádio de acordo com a demanda exigida pela FIFA para realização de torneios organizados pela entidade⁸. Após as reformas e a reinauguração em 2013, passou a ser administrado pela iniciativa privada, o governo do estado do RJ oficializou uma licitação e o consórcio Maracanã S.A, composto pelas empresas IMX, Odebrecht e AEG se tornou responsável pela gestão do estádio.⁹

Tal modelo de gestão possui semelhanças com a gentrificação que afeta o direito à cidade em âmbito mundial, uma vez que se construiu um estádio que demanda alto custo operacional e que, por conseguinte, exige um preço de ingresso maior resultando em um afastamento de quem não pode pagar este preço. Outro ponto fundamental no recorte é a questão empresarial. Segundo Vainer (2011), o modelo seguido pelos organizadores das olimpíadas de 2016, pensando em um projeto de cidade seguindo um “legado” dos jogos olímpicos, seria Barcelona, que sediou os jogos olímpicos de 1992, através de uma empresa de consultoria catalã estabelecido em conjunto com lideranças empresariais interessadas em explorar esse modelo de cidade¹⁰. Neste modelo de cidade a as grandes lideranças são os empresários, que se colocam como partidários, ou seja, a

⁸ Disponível em <<https://pt.slideshare.net/marcelogreuel/caderno-de-encargos-fifa>> , acesso em 18/02/2019.

⁹ Disponível em <<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/05/consorcio-maracana-sa-vence-licitacao-de-concessao-do-estadio.html>> Por Isabela Marinho em 9/5/2013. Acesso em 22/11/2018.

¹⁰ O autor pontua que em 1994 foi firmado entre a prefeitura do Rio de Janeiro, a ACRJ (Associação Comercial do Rio de Janeiro) e a FIRJAN (Federação das Indústrias do Rio de Janeiro). um convênio para o lançamento de um plano estratégico para a cidade do Rio de Janeiro. Financiado por 51 empresas e associações empresariais, e contou com a consultoria da empresa catalã Tubsá- Tecnologias Urbanas Barcelona S.A.

presença do Estado na gestão dos equipamentos presentes na cidade não é desejada nem pelas empresas, nem pelo próprio Estado. O Maracanã não foge a isso. Atualmente o consórcio que venceu a licitação de exploração do estádio foi anulado pela Justiça Federal¹¹ e nenhuma das alternativas cogitadas para o futuro do estádio engloba uma administração estatal do mesmo.

Isso quer dizer que a administração necessária para que a cidade tivesse o poder estratégico pautado pela “flexibilidade” deveria ter uma “liderança individualizada, carismática, liberta de partidos e controles políticos, portadora individual do projeto empresarial da pátria urbana”. Um empreendedor político que seja, também, um empreendedor econômico (CARVALHO, 2017, p.9, apud VAINER, 2011, p.6).

Perceba que o Estado, apesar de utilizar dinheiro público nas obras, não se coloca politicamente ativo em relação à gestão, visto que o modelo a ser seguido necessitaria de uma liderança apartidária empreendedora. Esse apartidarismo fica apenas no discurso. Pois atualmente temos no Rio de Janeiro, inúmeros governantes condenados, bem como empresários e empreiteiros. Mostrando tal ligação entre eles. Essas lideranças, na prática tem um lado sim e suas escolhas não gozam de nenhuma neutralidade. Tal como aponta Pennycook (2006), trata-se de um “avestruzismo liberal hipócrita”.

Tendo em vista tal prognóstico, a relação dos cariocas com o Maracanã pode sim ter sido afetada pela reforma que o Estádio passou, mesmo deixando de lado aspectos arquitetônicos que por si só, já caracterizariam uma mudança fundamental na maneira como os frequentadores se colocam dentro do contexto de Estádio. O que esteve e está em questão é o modelo de cidade que hoje parece hegemônico no Rio de Janeiro.

A cidade de exceção se afirma, pois, como uma forma nova de regime urbano. Não obstante o funcionamento (formal) dos mecanismos e instituições típicas da república democrática representativa, os aparatos institucionais formais progressivamente abdicam de parcela de suas atribuições e poderes. A lei torna-se passível de desrespeito legal e parcelas crescentes de funções públicas do estado são transferidas a agências “livres de burocracia e controle político”. Centralização das decisões, personalização do poder, lideranças carismáticas, regulações ad hoc e flexíveis,

¹¹ Disponível em: <https://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,justica-do-rio-determina-que-concessao-maracana-seja-considerada-nula>. Por Márcio Dolzan em 12/09/2018. Acesso em 22/11/2018.

em nome da crise e envelopadas na metáfora da guerra, a cidade de exceção realiza, para parafrasear Engels, o sonho da burguesia urbana (VAINER, 2011, p.11).

O modelo de modernização, de conforto e de inserção em um padrão internacional de exploração econômica do esporte mais popular do Brasil, afasta muitos dos que têm no futebol um aspecto de sua formação cultural, histórica e pessoal. O pertencimento do carioca em relação ao Maracanã pode ser no mínimo discutido apesar de sua história permanecer intacta (pois muito do que se viveu ali está eternizado nas memórias e em documentos ao longo destes 68 anos de Estádio) Sua capacidade mudou, sua arquitetura mudou, seu entorno foi, de certa forma modificada, seu custo operacional foi alterado, o preço dos ingressos em relação ao poder de compra da população foi elevado e a população de baixa renda deixou de assistir aos jogos de dentro do estádio.

Sobre a elitização nas arquibancadas, Santos (2014, p.4) lembra que o futebol no país nasceu como um esporte restrito às classes mais abastadas, visto que fora trazido para o país por jovens que tinham a oportunidade de estudar na Inglaterra, e trouxeram bolas e livros de regras para praticar o desporto aqui no Brasil. Santos (2014) ressalta ainda que o futebol brasileiro nasceu das malas de Charles Miller, Oscar Cox e Zuza Ferreira, que levaram o esporte para suas respectivas cidades:

Sena dos Santos (2010) destaca que os eventos esportivos recebiam contornos de evento de gala, com toda pompa a qual estava acostumada à elite nacional. O mesmo autor detecta, no entanto, através de registros jornalísticos datados de 1906, que esses jogos já começavam a atrair um público que não integrava esses círculos, como trabalhadores braçais, entre eles muito negros (Santos, 2014, idem).

Ao discutirmos as mudanças decorrentes das reformas para a Copa do Mundo de 2014, devemos levar em conta não apenas critérios mercadológicos e econômicos. Mas fundamental para esta tese é o papel de referência cultural que o Maracanã ganhou ao longo do século passado, uma vez que afeta a frequência das pessoas que durante pouco mais de cinco décadas, foram assistir aos jogos semanalmente e sempre quiseram manter tal hábito.

Tal compreensão está diretamente relacionada ao debate sobre o futebol “padrão Fifa” e a possível perda da diversidade. Ao discutir o futebol no Brasil, não estão em

jogo apenas os critérios do mercado globalizado que rege os espetáculos esportivos – e que são pertinentes, uma vez que a modernização dos estádios traz impactos positivos, como mais conforto e segurança. Neste contexto, também se deve levar em conta, a partir do conceito de referência cultural, a simbologia criada pelas pessoas que há décadas vão aos estádios em dias de jogos, e querem continuar a frequentá-los depois da Copa do Mundo (CHIMENTO, 2016, p.5).

No próximo capítulo elaborou-se um apanhado histórico de como se construiu a história do Estádio Mario Filho, os anos em que foi administrado pelo poder público. Suas reformas estruturais que o modificaram ao longo do tempo, diminuindo sua capacidade e alterando a disposição de setores e a dinâmica de funcionamento do estádio.

3 Dos geraldinos e arquibaldos dos idos tempos ao torcedor *padrão-FIFA*¹².

Desde sua pedra fundamental, o Maracanã já possuía dentro de sua identidade a missão de ser grandioso. Sua identificação com o futebol brasileiro e com a cidade do Rio de Janeiro foi imediata. A final da Copa do Mundo de 1950, o tão sonhado título mundial que viria para coroar o futebol brasileiro, tem papel fundamental. Um público recorde, o maior público presente em uma partida no estádio¹³. Mobilizada para festejar e que testemunha a tragédia da derrota. A decepção por aquela derrota foi tamanha que nem o uniforme com o qual aquela foi jogada se repetiu. As camisas brancas foram substituídas pela camisa amarela “canarinho”, tão reconhecida mundo afora atualmente. Posteriormente a esta derrota, inúmeros craques iriam desfilarem seu futebol em jogos no Maracanã atraindo a atenção de brasileiros cada vez mais apaixonados pelo esporte que se tornava onipresente e influente por todo país. A geração de ouro do futebol brasileiro que viria a ser protagonista dos três primeiros títulos mundiais de futebol para o país. Trouxe para o imaginário carioca, heróis, alegria, festa e sucesso.

3.1 O histórico “Maior do mundo”.

Construído para a realização da Copa do Mundo de 1950, Na qual o Brasil não encontrou muitas dificuldades em sua candidatura, tendo em vista o fato de muitos países europeus estarem ainda se reconstruindo dos estragos da segunda guerra mundial¹⁴, o Maracanã se estabeleceu como ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro, além de conquistar a alcunha de “Maior do Mundo” por conta da capacidade de público e da grandiosidade de sua construção. A relação afetiva surgiu em um momento conhecido como a “época de ouro” do futebol brasileiro, no qual grandes craques surgiram, e conquistaram tamanho reconhecimento que até hoje são lembrados como mestres do futebol no Brasil. Presenciando estes craques em campo, os espectadores construíram e eternizaram ao longo do século XX, quando o esporte britânico se tornou o mais

12 Expressão cunhada e ironicamente popularizada por Ronaldo o Fenômeno, na condição de comentarista esportivo da Rede Globo, por ocasião da inauguração do novo formato de arena no Estádio Mário Filho, durante o amistoso Brasil 2 X 2 Inglaterra. Na oportunidade, o citado comentarista quis usar esta expressão para frisar o caráter de modernidade que as reformas que resultaram nesse novo formato interno do estádio.

¹³ Disponível em < <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/final-da-copa-de-1950-registrou-maior-publico-no-maracana-199854-pessoas-10488080> > . Acesso em 21/02/2019.

¹⁴ As edições de 1942 e 1946 da Copa do Mundo não ocorreram devido aos conflitos da segunda guerra mundial.

popular no Brasil, uma maneira particular de torcer que se constituiu como uma manifestação cultural, que segundo Da Matta apud Rinaldi (2000, p. 167-168), permite que o brasileiro exponha sua essência. Esta história mística do estádio, inclusive, começa e é muito influenciada pela Copa do Mundo de 1950.

As obras para a construção de um estádio monumental que fosse o maior do mundo e pudesse ser palco da redenção do selecionado de um Brasil aficionado pelo esporte era um excelente modo de alavancar o país politicamente. Tal estratégia está bem presente na construção de estádios no Brasil entre a Ditadura Vargas e o fim do milagre econômico na ditadura militar. O futebol foi utilizado de diversas formas como propaganda política dos governos que tivemos durante o período. Isso explica o fato de o Maracanã ter sido mantido com administração municipal por mais de cinco décadas. O autor Francisco Eduardo Del Rio Andrade, coloca de maneira pontual o motivo pelo qual se adotou a administração municipal ao longo de 50 anos.

A abordagem do estádio brasileiro no período determinado pela Revolução de Vargas ao fim do milagre econômico leva à pesquisa do encadeamento de modelos da arquitetura de estádios europeus e a origem do próprio esporte. A importância do futebol na cultura brasileira estabelece um paralelo contraditório na arquitetura esportiva. A responsabilidade do poder público com construções de edifícios dotados de capacidades monumentais é questionável devido às atividades esportivas serem desenvolvidas por entidades privadas (clubes). Este fato demonstra a intenção na construção destes edifícios como espaço político, esportivo e cívico, muito utilizado nas ditaduras estabelecidas na América Latina no século XX (ANDRADE, 2013, p.14).

O terreno escolhido foi o do antigo Derby Club, onde em 1948 foram iniciadas as obras que incluiriam o Estádio do Maracanã, o ginásio Maracanzinho, a pista de Atletismo Célio de Barros e o Parque Aquático Júlio Delamare (Andrade, 2013, p.24). O estádio foi palco dos grandes jogos da seleção brasileira naquela competição, recebendo públicos fantásticos, incluindo a final, que detém até hoje o recorde de presentes, com 199.854 presentes. (Carvalho,2017, p.19).

Inaugurado no dia 16 de Junho de 1949, com um jogo entre as seleções de “novos” de Rio de Janeiro contra São Paulo. Foi projetado para abrigar 195 mil pessoas confortavelmente. O palco não estava totalmente pronto, mas recebeu o mundial, pronto para uma apoteótica vitória, o

título de campeão mundial da seleção brasileira e uma alavanca do Brasil enquanto potência esportiva e economia em crescimento.

Não foi o que aconteceu. Mesmo com uma campanha respeitável, jogando e encantando o maracanã em goleadas contra Espanha e Suécia (PERDIGÃO, 1986) e perdeu a final para o Uruguai com um gol emblemático de Giggia, um gol que ecoou e ainda ecoa na história do Maracanã. sendo esta, por muito tempo, a maior derrota da história do futebol brasileiro, até a última copa, quando a seleção verde e amarela foi eliminada da competição, na fase semifinal, após sofrer uma sonora goleada por 7 x 1, da Alemanha. O escritor uruguaio Eduardo Galeano (2013, p.26), destacaria em seu livro “Futebol ao sol e a Sombra” que “(...) o Maracanã continua chorando a derrota brasileira no mundial de 50”.

Passada a copa e a derrota, os clubes do Rio de Janeiro passaram a jogar no estádio que já nos anos 50 presenciou craques como Didi, Nilton Santos, Garrincha, Dida, Quarentinha, Ademir e Zizinho desfilarem seu futebol e transformarem um domingo de futebol no Maracanã em um dos meios mais procurados de entretenimento na cidade maravilhosa. Essa geração acabou sendo protagonista nos dois primeiros títulos mundiais do Futebol Brasileiro. E até hoje é saudada por quem os viu desfilarem o seu futebol pelo estádio a cada domingo.

Sua relação com o povo carioca se tornou íntima, pelo fato do futebol ter um alcance sem igual no Brasil. Toda uma forma de torcer, apoiar e assistir a um jogo de futebol no Brasil, tendo como plano de fundo os estádios tradicionais brasileiros. O Maracanã representa o grande teatro do esporte, o local onde isso era elevado e potencializado. Onde toda uma mística se construiu ao longo dos anos, onde milhares e milhares de torcedores a cada jogo vivenciavam um momento do qual se lembraria pra sempre, contaria pros netos, se fosse possível.

3.2 Administração Pública x Consórcio.

O fato de o Rio de Janeiro sediar grandes eventos nas duas primeiras décadas do século XXI criou as condições para a realização de reformas na arquitetura original de alguns espaços públicos, sob a justificativa de adequação dos mesmos às diversas exigências dos comitês organizadores de tais eventos, como o próprio Maracanã, que foi um dos espaços, neste sentido, mais modificados. Aquele estádio, cujo charme provinha do fato de ser um estádio histórico, uma construção de proporções enormes que guardava em seu histórico, a memória de grandes jogos, sendo um espaço em que era possível ver a presença de várias classes sociais, dado sua

disposição arquitetônica e seus setores e preços. Deu lugar a uma arena padrão-FIFA, adequada aos novos padrões de lucratividade agregada a direitos de transmissão de imagens, ao mesmo tempo, excluindo as camadas mais pobres da sociedade, resultando, como aponta Carvalho (2017, p. 13), de uma gentrificação do público.

De 1950 até 2013 o estádio que foi construído e foi gerido pelo poder público. Tal administração ficou marcada por momentos de absoluta negligência: o fato de ter sido entregue com atraso, ter sido concluído com 15 anos de atraso e de, nas suas primeiras partidas, ainda contar com andaimes na arquibancada, ilustram isso desde os primeiros anos do estádio.

Figura 2 – Andaimes durante jogo no Estádio do Maracanã em 1950.



Fonte: G1.globo.com.¹⁵

Não faltaram momentos no qual os frequentadores do Maracanã conviveram com infiltrações, banheiros quebrados, ferrugem nas grades, entre outros exemplos de abandono. Após a conclusão de suas obras inaugurais, só foi ser reformado novamente em 1993, devido a um

¹⁵ Disponível em: g1.globo.com/noticia/2014/06/em-1950-laranja-eram-usadas-como-nos-jogos-da-selecao-na-copa.html. Acesso em 03/11/2018.

triste ocorrido. Na final do campeonato brasileiro de 1992, disputada entre o Flamengo e o Botafogo, a grade de um dos setores da arquibancada cedeu e centenas de torcedores caíram na geral. Saldo de três mortos e aproximadamente 90 torcedores feridos no maior acidente ocorrido dentro do estádio. Tal qual nos aponta Bruno Borges de Carvalho (CARVALHO, 2017, p.25).

Ainda, segundo Carvalho, a partir dessa reforma em 1993 é possível perceber os primeiros projetos visando a privatização do mesmo. Havia a possibilidade de candidatura para sediar os jogos olímpicos de 2004, com a intenção de substituir a geral por um velódromo. (Carvalho, 2017). Tal plano não foi adiante assim como o projeto do então secretário Eduardo Paes que visava a privatização e não foi levada adiante devido ao impacto negativo entre a população. Vale lembrar que para a realização dos jogos Pan Americanos de 2007, houve uma reforma estrutural no Maracanã que extinguiu a antiga geral, colocando cadeiras no lugar onde anteriormente o setor ficava.

Assim, constatamos que a ideia de entregar o Maracanã à iniciativa privada é um desejo antigo do poder público que esbarrou na impopularidade da medida e na falta de um megaevento (para caracterizar um estado de exceção, como já vimos no capítulo anterior) para que fosse aprovada. Em 2013, quando a concessão foi anunciada, um conjunto de mudanças urbanas acontecia no Rio de Janeiro devido aos Megaeventos que a cidade receberia nos anos seguintes e, dessa forma, os movimentos contrários à privatização do estádio acabaram não tendo força e tempo suficientes para barrá-la, pois as medidas eram tomadas de forma rápida e com pouca abertura para participação popular (Carvalho, 2017. p.24).

Ao fim do ano 1999, tiveram início as reformas no estádio visando à realização do Campeonato Mundial de Clubes. O primeiro organizado pela FIFA. Com a reforma, o Maracanã passou a contar com cadeiras em setores da arquibancada, nas cores verde, amarela, azul e branca. O estádio deixou de ser “o maior do mundo”, pois perdeu em capacidade e passou a poder abrigar menos torcedores que o Estádio Asteca no México. Sua capacidade após a reforma passou a ser de 103.022 pessoas. (Andrade, 2013).

A segunda reforma estrutural, realizada para sediar os jogos Pan-americanos de 2007, teve um impacto ainda maior e simbólico para seus tradicionais frequentadores. O setor onde ficava a geral foi integrado ao setor de cadeiras, o campo foi rebaixado para melhorar a visão de quem assistia ao jogo ali. Foi oficialmente o fim da geral. No dia 24 de abril de 2005, em jogo entre

Fluminense e São Paulo, o setor viveu seu último jogo¹⁶, deixando para trás o eterno Geraldino, frequentador assíduo da geral que muitas vezes ia fantasiado, tinha uma relação de maior proximidade ao campo, representava o que havia de tradicional e festivo entre os torcedores que optavam pelo setor.

Vagner Silva dos Santos, em seu artigo chamado “*Ação Popular Pelo Reconhecimento da geral enquanto Patrimônio Histórico e Cultural*” (2005) discute a legalidade das reformas do Maracanã, uma vez que estádio havia sido tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 2000.

Atualmente, a ilegalidade do ato que determinou a realização da obra também é evidenciada quando se analisa que o Maracanã foi tombado pelo IPHAN, no Livro Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, sob o número de inscrição 125, na data 26.12.2000. Com efeito, não apenas o Maracanã como um todo, mas a GERAL em si é um patrimônio histórico e cultural da cidade do Rio de Janeiro, do Estado do Rio de Janeiro e do país (SANTOS, 2005, p.1).

A Reforma de 2005, que ficou marcada como a que deu fim a geral, tinha como justificativa as normas da FIFA, que determinavam que, em competições da entidade, não seria permitido que se assistissem aos jogos de pé. Tendo em vista que, neste momento teve início o período no qual o Brasil, mais especificamente a cidade do Rio de Janeiro, receberiam grandes eventos esportivos de porte mundiais, esta, e outras modificações se faria necessário. Neste sentido,

Prosseguindo na narrativa dos fatos, o governo do Estado Rio de Janeiro divulgou amplamente – inclusive em campanhas na TV – A realização dessas obras. O principal argumento para a colocação das cadeiras no espaço da GERAL seria uma “adaptação à modernidade” Decorrente de suposta exigência da FIFA, que não permitiria que os jogos por ela organizados fossem assistidos por pessoas que estivessem de pé. E, como o Brasil está pretendendo candidatar-se a sediar a Copa do Mundo em 2014 – e será sede do Pan-americano de 2007 – tal obra seria necessária (Santos, V.S, 2005, p.2).

16 Disponível em Esporte.uol.com.br/futebol/ultimas/2005/04/25/ult59u93048.j. Acesso em 26/12/2018.

Em seu artigo, Santos (2005) se coloca como provedor da ação e detalha dificuldades em busca de informações para exercer sua cidadania, uma vez que tentou contato com todas as empresas e órgãos públicos responsáveis pela obra em questão e não obteve êxito, visto que nenhuma se dispôs a fornecer tais informações. Isto aumenta a sensação de desconfiança com relação à legalidade da obra, uma vez que se a obra não for autorizada pelo órgão responsável pelo tombamento do patrimônio histórico-cultural, se configura dano ao patrimônio nacional e municipal da cidade do Rio de Janeiro.

Figura 3 – Zico festejando gol com os geraldinos.



Fonte : ESPN.com.br.¹⁷

Figura 4 – Geraldinos.

¹⁷ Disponível em: http://www.espn.com.br/noticia/500853_10-anos-sem-geral-do-maraca-filme-mostra-como-ela-acabou . Acesso em 21/02/2019.



Fonte: Blog do Mauro Cezar Pereira/ESPN.¹⁸

Outro forte impacto veio com a reforma ocorrida a partir de 2010 para adequar o estádio de forma a sediar a Copa do Mundo de 2014, segunda sediada no país. O estádio foi colocado quase que inteiramente abaixo e houve sua reconstrução, com aspectos bem controversos, incluindo o desaparecimento da marquise original e tombada do estádio, conforme apontado por Andrade (2013, p.33)

O desaparecimento das marquises é um dos pontos mais polêmicos da obra. Desde 2000 o Estádio Mario Filho está inscrito no Livro do Tombo Arqueológico, Etnográfico e Paisagístico, o que lhe confere o status de único estádio de futebol tombado no Brasil. Em reunião do conselho consultivo do Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), em agosto de 2011, um grupo de conselheiros classificou a reforma como "crime". O projeto havia sido aprovado pelo então superintendente do órgão no Rio, Carlos Fernando Andrade. Em agosto de 2010, timidamente, começaram as obras, com a retirada das cadeiras azuis do anel inferior (Andrade, 2013, p.33).

¹⁸ Disponível em: http://www.espn.com.br/blogs/maurocezarpereira/594674_geraldinos. Acesso em 21/02/2019.

O estádio se modificou bastante no seu interior, seus setores não eram mais os que tradicionalmente marcaram sua história. Sua marquise, que era tombada pelo IPHAN, foi modificada e, com a administração privada, o custo operacional do estádio ficou mais caro, resultando em uma preferência inicial dos clubes do Rio de Janeiro em jogar em outros estádios e, quando utilizavam o Maracanã, o preço do ingresso era bem alto, com a justificativa do conforto e da estrutura de primeiro mundo para acompanhar um jogo de futebol. Além disso, em 2013, foi concedida a administração do Maracanã a um consórcio de empresas privadas e o estádio não teve mais sua gestão exercida pelo governo do Estado até 2019. Em Março de 2019, o governo do estado anunciou o rompimento do contrato com o consórcio Maracanã S.A. O MP já havia anulado a licitação que elegeu o Consórcio Maracanã S.A em Setembro de 2018. O Estado fará nova licitação no prazo de dois meses.

3.3 O Maracanã em um contexto de modernização.

O estádio apresentou mudanças profundas em termos arquitetônicos, causando impacto no torcedor acostumado ao Maracanã nos moldes no qual foi concebido. Lucio de Castro (2013), em sua coluna no site da ESPN em 2013¹⁹, colocou essa impressão de forma bem pessoal, e também lotada de romantismo, citando justamente o fim do diferencial do Maracanã.

Outra manifestação foi o texto Tchau, Maracanã, foi bom ter te conhecido... “de André Barcinski. O comentário é um bom exemplo da “retórica da perda” (GONÇALVES, 2002, p.67), com o discurso emergente de que ao atravessar um processo de transformação, o Maracanã foi destruído completamente, caracterizando uma perda patrimônio cultural, no caso imaterial, envolvido no ato de torcer em um estádio de futebol. Experiência que foi diretamente afetada pelas reformas no estádio que segundo o jornalista teriam um lado mais mercadológico do que humanitário em relação ao esporte que tem ressonância considerável na sociedade e é um elemento de identidade nacional.

O documentário “Adeus, Geral” dirigido por Gustavo Altman, Martina Alzugaray, Matheus Bosco, Pedro Arakaki e Pedro Junqueira. Aborda o tema “elitização dos estádios brasileiros” com depoimentos de jornalistas como Juca Kfourri e Mauro Cezar Pereira, Paulo

¹⁹ Disponível em espn.com.br/post/326086_mataram-meumaracana-podem-chamar-de-estadio-justo-verissimo .29/04/2013. Acesso em 08/01/2019.

Nobre, que presidiu o Palmeiras entre os anos 2013 e 2016, período no qual o clube inaugurou uma nova Arena no local onde anteriormente ficava seu estádio e o ex-jogador Alex De Souza.

Dentre a temática abordada, percebemos que a elitização não é algo restrito ao Maracanã. É um fenômeno que veio com as obras para a Copa de 2014. E Neste documentário, o caso maracanã também é abordado. Pois se trata do caso mais icônico. Porém o foco é a dinâmica entre o torcedor e o estádio. O perfil que se busca em uma Arena de padrão internacional é um perfil “comportado”, que não surpreenda negativamente interesses comerciais envolvidos em um jogo de futebol. Então sinalizadores são proibidos por conta da fumaça. Bandeiras são proibidas em alguns estádios, houveram casos de faixas com manifestações serem proibidas em alguns jogos²⁰.

Então o futebol moderno, enquanto mercadoria não permite que a espontaneidade nas arquibancadas participe do espetáculo e dentro de um contexto brasileiro, essa espontaneidade tanto nas arquibancadas quanto no campo, é um elemento que foi crucial para nos alçar ao topo.

No documentário há a discussão sobre torcidas organizadas. Algo que também nos remete a uma cultura torcedora nos estádios. Existe uma maneira brasileira de torcer? Existem várias, muitas. A grande maioria de forma bem passional e quente com relação ao seu clube do coração. Uma visão do torcedor enquanto consumidor modifica a dinâmica, de modo que o futebol, que impacta sentimentos mais intensos nas camadas mais populares. É oferecido como um produto para torcedores de uma classe que tem uma relação de maior frieza em relação a ele. Da mesma forma em que poderia estar em um recital de dança, ele está ali. Como se ambas fossem formas similares de espetáculo, ele não faz diferença e esse torcedor dificilmente irá ficar satisfeito com um time que não consegue uma vitória, ou que não consegue proporcionar um espetáculo a altura das suas expectativas. Essa é a diferença do torcedor popular e do torcedor organizado. Ele vai estar ali quando o clube estiver em dificuldades, vai cantar, apoiar, protestar. De alguma forma vai se manifestar de forma a afetar o ambiente em que está em prol de uma vitória esportiva que pra ele significará tanto a ponto de transmitir esse amor pelo clube para todos que ele puder. Nos depoimentos colhidos poderemos ver de forma exemplificada tal hipótese.

Figura 5 – Maracanã pós reformas, 2016.

20 Disponível em: <http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/olimpiadas/rio2016/noticia/2016/08/stf-ja-considerou-legal-restricao-manifestacao-politica-em-estadio.html>. Acesso em 19/02/2019.



Fonte: O Globo, Foto de Custódio Coimbra.²¹

²¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/esportes/maracana-sa-fica- apenas-com-dez-funcionarios-apos-demitir-75-do-seu-quadro-18408848>. Acesso em 21/02/2019.

4 Torcedores e seu lugar no estádio e na cidade.

A metodologia de pesquisa se baseia na leitura de autores que basearam suas pesquisas na trajetória do estádio do Maracanã, colocando sua relação histórica a partir de então com o Rio de Janeiro, bem como as relações entre cultura e futebol, pertencimento e cidade, além de entretenimento e no que diz respeito ao processo de gestão vigente no estádio Mario Filho. Trata-se de uma pesquisa qualitativa e exploratória, pois dentre os objetivos se encontram aspectos relacionados com a memória construída ao longo da história do estádio do Maracanã, bem como o impacto da reforma na relação de afetividade do carioca com o “Maior do mundo”. Para coleta de dados que diante das diretrizes de pesquisa devem conter relativa subjetividade, foram elaboradas entrevistas abertas, não completamente estruturadas, para dar a abertura ao entrevistado de colocar essa subjetividade de maneira natural durante a entrevista. Apesar da necessidade de elaborar previamente questões que sirvam como norte da coleta de dados.

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO 2001, p.21-22).

Uma estratégia para a compreensão do impacto na relação entre frequentador e Maracanã será a “História de vida” (CRUZ NETO, 2001, p.58-59) para, seja colocada a memória construída no Maracanã por parte do entrevistado, possamos analisar esse aspecto fundamental para a compreensão da relação afetiva entre o objeto e os entrevistados. Através da noção de entrevista em profundidade, ao estabelecer um dialogo intensamente correspondido entre entrevistador e informante. Com base neste conceito, a pesquisa busca a liberação do olhar crítico e confiante do entrevistado. Por fim, encontrar, a partir do relato individual uma dimensão coletiva do objeto de pesquisa.

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa que visa compreender as interações de frequentadores e ex-frequentadores com o Estádio do Maracanã, esta pesquisa utilizará a perspectiva fenomenológica (BOGDAN & BIKKLEN, 1994) e a análise de conteúdo visa interpretar de que maneira se manteve a relação do carioca fã de futebol com o Maracanã.

As entrevistas foram realizadas espaçadamente ao longo de 2018. Iniciando em Maio até o mês de Outubro e captou os depoimentos de 20 frequentadores com idades variadas. O principal critério de escolha para os entrevistados inicialmente era que fossem frequentadores que tivessem mais de 65 anos e conseqüentemente, tivessem uma relação de longa data com o espaço. Porém, com as dificuldades em encontrar em tal recorte, indivíduos que se dispusessem a serem entrevistados. Tal recorte foi deixado de lado e a pesquisa passou a contar com depoimentos de quem se mostrasse disposto a falar sobre o Maracanã.

Na primeira fase de entrevistas, as pessoas foram escolhidas dentro de um contexto no qual os depoimentos foram colhidos em bares no quais se encontrassem algum reduto minimamente organizado, que tenham o hábito de assistir aos jogos. Pois uma das hipóteses desta pesquisa é que em uma comparação de custo-benefício, tanto no aspecto financeiro como em termos de entretenimento, muitos dos que costumavam assistir aos jogos rotineiramente no estádio. Neste caso, recortando especificamente o Maracanã. Preferem, dentro de um contexto de estádio reformado com preços elevados, organizarem um grupo de amigos, assistindo ao jogo pela TV em bares, podendo organizar até um churrasco durante o jogo. O roteiro foi modificado ao longo do processo de entrevista. Uma das principais razões para isto foi uma falta de profundidade percebida pelo entrevistador.

Na segunda etapa, a pesquisa contou com torcedores dentro do ciclo social do entrevistador, que são frequentadores assíduos do Maracanã. Casos que influenciaram diretamente a escolha do tema. Tal etapa foi realizada através de áudios posteriormente transcritos e em três delas, diretamente em formato textual. E na terceira e última fase da coleta de dados se deu no entorno do Estádio Jornalista Mario Filho, com a movimentação característica de dias de jogos.

A faixa etária dos entrevistados é variada como já foi citado, o mais novo tendo 26 anos e o mais velho com 54 anos. A questão do gênero na pesquisa merece menção. Ao chegarmos à segunda etapa de entrevistas, pude perceber que não haviam sido entrevistadas mulheres ainda. Tal fato causou incomodo, pois o conceito de estádio e de direito a cidade, direito a cidadania não

permite que tal pesquisa tenha um viés sexista, entre algumas percepções durante o trabalho de campo estão a de que existe uma atmosfera de temor e atenção quando se está no entrono do estádio também por parte das mulheres. Um reflexo do contexto de violência contra mulheres que ainda é forte em nosso país. Objetiva-se, em vista dos conceitos apresentados, que se aponte a forma com a qual o torcedor lidou com as mudanças geradas pela reforma e como ele se sente inserido, ou não, no mecanismo de funcionamento do novo Maracanã. Buscando com atenção nos depoimentos citações à elitização, preço dos ingressos e modernização.

Foram entrevistados 20 frequentadores. Inicialmente a ideia era estabelecer um recorte mais específico entrevistando pessoas com mais de 65 anos que fossem frequentadoras. Pela dificuldade para conseguir torcedores que se encaixassem neste recorte, fizemos as entrevistas sem limitar idade ou time. Dentre os entrevistados estão torcedores dos quatro grandes clubes do Rio de Janeiro mesmo que Vasco e Botafogo joguem menos vezes no estádio. Pois ambos os clubes jogam em outros estádios que estão sendo administrados pelos mesmos. São Januário e Estádio Nilton Santos.

Apresento abaixo o roteiro semiestruturado utilizado para entrevistar os interlocutores e após a apresentação, vamos destacar o que se encaixa nos conceitos que seriam de referência para esta pesquisa. Destacando o conceito de direito a cidade presente no livro “Cidades Rebeldes” de David Harvey.

Roteiro para entrevista (semiestruturada) com Primeiro passo: Apresentação básica com idade, sexo, bairro onde reside e, em relação aos meios de transporte, como costuma ir ao Maracanã?

- Apresentação básica. Idade, sexo e bairro.
- Conte sobre sua primeira ida ao estádio. Como foi com quem foi o que se lembra do jogo.
- O que vem em suas lembranças, quando você pensa em Maracanã.
- Existe alguma influência familiar ou de amigos nesse hábito de frequentar o estádio? E por sua vez, você conseguiu passar esse hábito para algum parente ou amigo?
- O que não pode faltar em um “domingo de Maracanã”? O que o estádio tinha ou tem de único?

- Descreva o que você vê como fundamental no modo de torcer tradicional dos brasileiros. É possível manter esse “padrão”?

Relação Maracanã / Espaço da cidade: Ir ao Maracanã inclui toda uma logística. Elementos como mobilidade, tempo de deslocamento. As questões de horário, uma vez que tem jogos durante dias de semana. Planejamento financeiro, incluindo preço do ingresso e lanche no estádio. Tendo em vista todos esses aspectos:

- Em relação à mobilidade, qual o tempo de deslocamento que você tem da sua casa até o Maracanã e qual se transporta usualmente?
- Sob o ponto de vista da segurança. Você ao ir assistir os jogos, se sente seguro de ir, voltar e lá no entorno ou dentro do estádio?
- O Maracanã passou por reformas estruturais e houve mudanças no modelo de administração de estádio. Que mudanças, você percebe na identidade do estádio?

O Objetivo era colher algumas informações básicas e estimular os entrevistados nesta volta ao passado, vasculhando suas lembranças e utilizando-as a serviço da principal hipótese que este trabalho defende. A de que a reforma no Maracanã sepultou uma maneira de lidar com o futebol que era tradicional dos brasileiros e impôs um padrão que não é o nosso. O resultado desta equação ainda não pode ser definido. Aproximadamente seis anos após a reinauguração, o Maracanã e seus frequentadores ainda não encontraram uma dinâmica de funcionamento com viés mais democrático.

4.1 Depoimentos.

Para fins de análise do conteúdo presente nos depoimentos colhidos, esta pesquisa tem como norte, as seguintes hipóteses levantadas: A primeira é a de que o carioca tem uma relação afetiva com o Maracanã para além dos eventos esportivos nele realizados. Sentimentos antagônicos e memórias afetivas familiares, além de sensações bem particulares têm como catalisador o sentimento do carioca com relação aos clubes e ao Maracanã. A segunda hipótese é a que deduz que estamos atravessando um momento de transição, no qual o torcedor de baixa renda foi excluído por não ser um torcedor consumidor em potencial e os torcedores que ainda

conseguem ir ao estádio estão se adaptando lentamente ao novo funcionamento. Sendo utilizado neste contexto, uma estratégia de monetização de uma “paixão” nacional. A terceira coloca em questão a administração e gestão do novo estádio. Colocando os prós e contras de uma administração privada. A modernização trouxe infraestrutura e segurança dentro do estádio, mas afastou a população mais pobre. Afetando assim o direito dos frequentadores assíduos, por exemplo, do setor da “geral” de acessarem um local no qual eles podiam assistir futebol a um preço acessível, mesmo que não fosse um setor que se destacasse pelo conforto.

Utilizaremos na análise de dados utilizando o conceito de vivência segundo Maria Cecília de Souza Minayo (2011, p.622), que coloca vivência como algo particular do interlocutor. A experiência pode ter sido a mesma, mas a maneira de lidar com essa experiência é a vivência. E ao analisarmos a vivência dos entrevistados sobre a relação carioca-Maracanã antes e depois da reforma, talvez seja possível entender as nuances de tal processo de mudança.

Porém, para tal tema e tal metodologia, o resultado jamais será definitivo. Em uma análise que visa a compreensão, é natural que haja contradições. Minayo argumenta que em uma análise qualitativa, é fundamental a compreensão e para compreender, precisamos saber que os indivíduos apresentam contradições. (MINAYO, 2011, p.623). Tais contradições estão presentes nos depoimentos coletados sobre o Maracanã.

Durante a coleta de dados, ao pedir para que os interlocutores falassem sobre as lembranças que o Maracanã os proporcionava, muitos depoimentos incluem sentimentos subjetivos sobre o estádio, colocando-os de forma abstrata. Sendo em alguns casos perceptível o caráter único destas importâncias, de certa forma.

Em relação aos três momentos inesquecíveis, prefiro não citar uma partida específica um momento antagônico ou uma vitória em um clássico. Porque ainda que sejam momentos cruciais na formação do torcedor. Pra criar aquele sentimento de alívio, alegria, felicidade e festejo. Acho que posso falar em três momentos marcantes porque eu penso no processo, na totalidade e não “naquele dia” ou “naquela coisa”. O primeiro seria, ali nos anos de 97 e 98, em que nós estávamos nas divisões inferiores e mesmo assim nós íamos aos jogos. (...) E todo domingo, todo final de semana ou no meio da semana nas séries B e C, as pessoas voltavam, eram os mesmos rostos se repetindo. Então não importava que aquele momento fosse tenebroso, todo mundo roendo o cotovelo, aquela coisa toda, as pessoas retornavam porque havia algo maior. Nós estávamos ali por algo maior e não foram tempos de bonança, mas mesmo assim não nos

afastou e eu acho que isso foi muito importante pra mim e eram finais de semana inesquecíveis. Eu queria voltar a aquilo porque tinha um lado meio de apego, de solidariedade na dor. Você reconhecer o sofrimento do outro como um sofrimento teu. Eu via isso no meu pai, acostumado a um Fluminense vencedor e que chegava a finais muitas vezes, que se impunha dentro de campo e fora dele como exemplo de organização, dentro de campo estava caótico. (T.S, 26 anos, Nilópolis)

Um dado efetivo da pesquisa, do ponto de vista histórico é que determinado tipo de público foi excluído da dinâmica do estádio. O torcedor de baixa-renda que frequentava os setores com menor preço. Pois uma vez que o setor com preços mais acessíveis do estádio foi reformado, os torcedores que frequentavam aquele setor por não conseguir pagar entrada nos outros setores ficaram sem seu local de entretenimento. Isso coloca um ponto fundamental de Harvey (2014). O direito à cidade é absolutamente retirado desta parcela de frequentadores. Através de especulação com o argumento de que é preciso, modernizar determinado local, se elevam os preços de custo operacional e o preço cobrado para que frequentadores continuem com acesso ao local.

Além do preço exorbitante do ingresso, existe a gentrificação. Tudo aumenta, incluindo bebidas. Eu não como nada no estádio, mas a cerveja lá custa 8 reais. Eu fico o máximo de tempo lá fora bebendo cerveja por 5 reais e depois eu entro.

(...) A minha primeira restrição é quanto ao caráter popular do estádio. Você já pressupõe que o público que vai aos jogos entra em uma relação mediada pelo consumo. Não necessariamente para cantar e festejar. Então antes mesmo de entrar no estádio, você tem uma restrição quanto ao que tu vai encontrar lá dentro. (TS, 26 anos, Nilópolis.)

O preço dos ingressos afastou a população menos favorecida. Se você não pegar ingresso mais barato, meia-entrada ou sócio torcedor. O custo de um jogo é muito elevado, então o preço da geral não existe mais. O torcedor de baixa renda tem que se contentar em ver em casa. Ou mais, tem que contentar em ver em um bar, porque até pra ver em casa você tem que ter um dinheiro para colocar uma TV por assinatura. O futebol perdeu a proximidade com o torcedor nessa questão.

(...) A reforma trouxe o torcedor pra mais próximo do campo, mas perdeu a essência. Afinal o que é o Maracanã sem a geral? O cara que frequentou uma geral sabe o que é a essência do estádio e como aquilo o formou como torcedor.

(...) Fatores como o fim de geral e das arquibancadas de cimento e consequentemente a capacidade ter diminuído descaracterizaram o Estádio em seu

caráter popular. Não tem mais a possibilidade de você pagar 1 real para assistir um jogo na geral. Não existe mais. Hoje mesmo que você seja sócio torcedor e pague uma mensalidade para o seu clube, o mínimo que você pode pagar em um setor hoje tendo meia entrada é 20 reais. Tirando esse valor de um cara que receba um salário mínimo uma vez na semana, fica impraticável. (A, 34 anos, Cachambi)

A reforma teve um caráter de se adequar ao que se pedia em uma copa do mundo. Infelizmente, assim foi feito. Lógico que se perguntassem para o povo, a gente preferia o anterior, com arquibancada de cimento e a geral aonde caia a bola de vez em quando e era possível até fazer uma pelada rápida ali, o cara pagava cinco reais e assistia ali na geral. Mas infelizmente, decidiram por reformar para adequar ao padrão FIFA. (C.A, 40 anos, Pilares)

O que o estádio tinha de único era a geral, que era muito legal de ver. Pessoas com poder aquisitivo mais restrito podiam frequentar o Maracanã e hoje isso não é mais possível. O que temos hoje é um futuro. O carioca tem que se reeducar a forma como o futebol é explorado hoje internacionalmente. (J, homem, 42 anos, Pilares)

Teve o fim da “geral” também que imagino que tenha sido por questões de segurança, mas era algo bastante emblemático no estádio. É inegável que ele vai perdendo um pouco de identidade naturalmente na medida em que essas reformas vão ocorrendo.

(J.M, 27 anos, Cachambi)

Em certa medida, uma adequação ao Maracanã realmente se fazia necessária uma vez que o de sua inauguração até o acidente com as grades em 1992. O Estádio conviveu com a negligência do Estado que não realizava a manutenção do estádio adequadamente. O conforto mínimo que o Maracanã passou a oferecer após sua capacidade ser diminuída foi benéfica de modo a evitar que torcedores sejam pisoteados e superlotações.

Os jogos de eliminatórias pra copa do Brasil, nos quais tinham mais de 150 mil pessoas lá. Não conseguia nem comemorar, porque ao levantar pra comemorar, provavelmente não conseguiria botar o pé no chão novamente. (...) eu, particularmente, nunca vi um estádio tão cheio. Todo mundo espremido e entre um vão e outro, tinha um pessoal deitado tentando assistir o jogo também. (H.A, 54 anos, Cachambi)

Depois de reformado, a reação do público transitou entre expectativa entusiasmada, decepção e sentimento de perda. Ao passo em que houve quem se mantivesse como frequentador, adaptando-se ao contexto imposto por uma nova administração e outros tantos optaram por não mais frequentar o estádio. O jogo é transmitido e explorado pelas emissoras televisivas e não é raro que torcedores se reúnam em bares, podendo vez ou outra organizar uma pequena festa, churrasco e assistir aos jogos, pois os bares são potenciais consumidores do pacote de transmissão das partidas.

Acerca do impacto financeiro decorrente da reforma estrutural e administrativa do estádio, seis dos entrevistados citaram impressões sobre como o perfil de gestão adotado trouxe mudanças na quantidade de vezes que os mesmos frequentam ao estádio. É possível captar o sentimento que o estádio transmite atualmente através das palavras escolhidas para descrevê-lo, enquanto o antigo Maracanã é visto como "popular" e "democrático", a nova gestão é tida como "elitista".

Em relação ao impacto econômico desse reajuste elitista nos preços dos ingressos. Antes da destruição do estádio, eu ia a todos os jogos que aconteciam no Rio de Janeiro, incluindo os do estadual. Não fazia contas para isso. Mas depois dessa mudança, dessa transformação no próprio caráter mais democrático, no caráter mais popular do estádio, eu faço uma seleção. No início do ano, nos jogos do estadual, só vou aos clássicos e as finais. Às vezes com um pequeno. Pois se precisa fazer muito cálculo. Além do preço exorbitante do ingresso, existe a gentrificação. Tudo aumenta, incluindo bebidas. (TS, 26 anos, Nilópolis.)

O Maracanã se tornou impopular. Não é mais uma coisa do povo, que todos tenham acesso. Eu tenho filho e pra levar minha filha no Maracanã é muito caro. Apesar de ela ter gratuidade ainda, mas comer lá dentro é muito caro também.

(...) Fatores como o fim de geral e das arquibancadas de cimento e consequentemente a capacidade ter diminuído descaracterizaram o Estádio em seu caráter popular. Não tem mais a possibilidade de você pagar 1 real para assistir um jogo na geral. Não existe mais. Hoje mesmo que você seja sócio torcedor e pague uma mensalidade para o seu clube, o mínimo que você pode pagar em um setor hoje tendo meia entrada é 20 reais. Tirando esse valor de um cara que receba um salário mínimo uma vez na semana, fica impraticável. (PP, 33 anos, Todos os Santos)

Tendo em vista a influencia do futebol nos hábitos e costumes de boa parte dos brasileiros. A onipresença que ele tem. A maneira com a qual as noticias relacionadas a ele e até o

uso político do qual muitas vezes ele é vítima. Dentro do contexto de arquibancada, alguns costumes foram se propagando e criando uma maneira de torcer que é própria da vivência (Minayo, 2011) do futebol no Brasil.

A paixão é elemento seminal na forma como o torcedor brasileiro e sul americanos, de modo geral, se relacionam entre si e com o estádio. Um dos pontos principais do roteiro semiestruturado foi o debate sobre uma forma brasileira de torcer e como tal forma foi afetada por todas estas reformas. Torcedores de diversos perfis foram ouvidos, sendo dois deles integrantes de torcidas organizadas. Ao pedirmos uma descrição sobre o sentimento decorrente de um dia de jogo, não houve respostas que soassem mecânicas e frias. Cantos, apoio incondicional e um saudosismo em relação a períodos nos quais era possível um Maracanã mais democrático.

Ademais, vale salientar que torcidas organizadas são vistas por dois pontos de vista. Em um deles, os cânticos, a paixão incondicional que move um torcedor a acompanhar seu clube do coração em outros estados e que orquestram um verdadeiro espetáculo nas arquibancadas. Por outro lado, existe o discurso da violência que as mesmas promovem a exaltação da própria organização em detrimento do clube, enquanto afirmação. O jornalista Juca Kfoury, em entrevista ao documentário “Adeus, Geral!” afirma que, em geral, os integrantes que partem pra violência em tal contexto de movimentos organizados, são conhecidos das autoridades e que, portanto, a solução passaria por proteger a sociedade em relação a estes integrantes, coibindo sua ação, o afastando dos estádios.

Dentre os depoimentos, nos chamou a atenção no depoimento de TS, torcedor do Fluminense sobre como surgiu um movimento novo na torcida de seu clube que no qual ele participou ativamente e de que maneira os poderes existentes na dinâmica do estádio dialogaram com tal movimentação.

No final de 2006 se começa a articular a legião tricolor com uma nova proposta, com uma nova forma de agir em relação ao Fluminense. Muitas músicas, muitas festas e canto ininterrupto pra você expor o amor pelo clube e apoiar a equipe em campo.

(...) Ali em 2007 foi um período de expansão dessas ideias e começou o movimento pendular de sair da arquibancada verde e ir para as amarelas naquele setor a esquerda das cabines. E o pessoal ficava ali. Tinha o aprendizado das letras, das coreografias e ao longo de 2007 esse movimento se consolidou. Em 2008 com o retorno a Libertadores depois de 23 anos, foi o ápice, porque o estádio estava lotado sempre e cada partida era uma manifestação diferente. Papel picado, sinalizadores, pó de arroz,

bobinas. Era incrível aquilo ali e ter participado daquilo, ter acompanhado aquilo, já um pouco mais velho, mesmo que tenha tido problemas com organizadas e policia.

(...) E não foi algo harmônico e horizontal, pois haviam setores da nossa torcida descontentes com isso. E demorou pra pegar porque depois de sofrer um gol ou depois de uma derrota, muitos não entendiam o cantar, o apoiar. Pois se confundia aquilo com um momento de alienação.

(...) Porque embora eu tenha passado por aquilo, sempre pensei no Fluminense, sabia como estavam os jogos, meu pai mandava notícias. Eu escutava no radio, via na televisão. E poder voltar a aquele ambiente, reencontrar as pessoas nas arquibancadas, voltar a vibrar, a cantar, foi importante pra mim. Eu não sei separar a constituição da minha identidade do Fluminense.

(...) Hoje não é qualquer torcedor ou torcedora que pode ir a pé e levar uma bandeira de mastro. Precisa de um processo mais burocrático. Precisa listar previamente o que você vai levar passar por aquela revista constrangedora e só assim você pode entrar. As festas como aquelas manifestações familiares de saírem todos levando bandeiras ficam cada vez mais raras. (TS, 26 anos, Nilópolis)

O que seria justo de certa forma para Harvey é a maior influência e controle sobre o uso e produção dos excedentes resultantes de um processo urbano. Até a entrega desta tese. A administração do Estádio continua sob responsabilidade do consórcio Maracanã S.A. O conteúdo resultante das entrevistas que me pareceu bem interessante do ponto de vista esportivo do estádio. Trata-se da administração gerida pelos clubes. Com autonomia, os clubes podem adotar uma política de preços que seja mais inclusiva. Um canal que para uma maior democratização do Maracanã atual seja possível. Foi perceptível esse desejo na fala de quem se dispôs a comentar sobre isso na questão de comparação das gestões.

Pra mim o estádio deve ser administrado pelo Estado ou pelos clubes. Se você pegar uma empresa como é a atual, que não tá ligando pra futebol e só visa lucro e colocar pra administrar, você gera prejuízo para clubes, Estado e para a população que fica impedida de frequentar. (H.A, 54 anos, homem, Cachambi)

E também em uma fala bem pontual, se coloca uma crítica a maneira com a qual esses estádios foram pensados em um contexto de Copa do Mundo e grandes eventos que não justificam um estádio tão caro em um país que possui tantos problemas econômicos. “A identidade não continua a mesma, pois o poder aquisitivo de quem o frequenta mudou. E devemos olhar para certos aspectos. O que adianta ter um estádio de primeiro mundo se não

temos o que apresentar? Não temos o que apresentar. Nossa moeda é desvalorizada, não temos poder de investimento para sustentar isso.” Disse J, 40 anos, morador de Pilares.

A identidade do estádio está totalmente aquém do antigo maracanã. Colocou-se o título de Arena. Que como quase todas as demais, usou recursos públicos na sua construção, superfaturando. É um dos exemplos de mau uso do dinheiro público que podia ser revertido em ações muito mais proveitosas para a população total e acabam ficando nas mãos de poucos privilegiados. (V.S, 54 anos, Nilópolis)

No trecho acima podemos perceber o mecanismo fundamental da cidade exceção de Vainer se coligando ao “avestruzismo” hipócrita, neoliberal de Pennycook. Sob a desculpa de um estado emergencial para receber um grande evento, foram aprovadas obras que foram superfaturadas por determinadas empresas. Que teoricamente seriam apartidárias, mas na realidade tinham ligação estreita com quem estava no poder diante daquele contexto. A dinâmica moderna do futebol brasileiro favorece a detentora dos direitos de transmissão que participa estipulando datas e horários dos jogos.

Já existe um esforço por parte dos clubes. A precificação do ingresso está mais adequada ao padrão sócio econômico, embora continue caro e conseqüentemente restritivo em relação às camadas mais populares. Os “Geraldinos” podem estar em bares perto de suas casas assistindo ao jogo. Mais uma vez foram realocados e o “Geraldino” perdeu seu lugar, seu direito, enquanto cidadão, de disfrutar de um aparelho que já esteve a sua disposição. Levando em conta que uma boa fatia da receita dos clubes grandes provém dos direitos televisivos e que a geral era uma possível oposição justamente para os interesses de quem transmite os jogos. Estamos dentro de uma lógica onde o Estado favoreceu a uma empresa em detrimento de um nicho. A “geral” ficava abaixo do nível do campo, torcedores viam o jogo em pé, placas publicitárias ficam ao redor do campo e atrapalhavam a visão de quem ali estivesse.

A questão financeira pega. O preço único do jogo que aconteceu hoje (Fluminense x Santos, pelo Brasileirão de 2018) era 50 reais. Com esse valor eu paro em algum lugar. Pego minha bebida favorita, como um aperitivo. E no Maracanã, eu ainda teria que pagar pelo transporte e comida lá. Então é muito mais em conta, me reunir com meus amigos e assistir pela televisão. (...) Anteriormente, de oito jogos mensais, eu ia uns seis jogos. Hoje eu vou a dois jogos por mês no máximo. Além do preço do ingresso,

a questão da violência e o horário do jogo que é estipulado pela televisão. E para facilitar a transmissão da emissora dona dos direitos, o jogo começa umas 10 horas da noite de uma quarta feira. Pra chegar depois do jogo 01h00min da manhã e acordar no dia seguinte para trabalhar. Esses fatores atrapalham, inclusive, a qualidade de desempenho dos jogadores e tiram os torcedores do estádio. (C.A, 40 anos)

Dentre os depoimentos reunidos para esta pesquisa, foi possível avaliar alguns pressupostos presentes nas hipóteses iniciais. O direito à cidade na cidade do Rio de Janeiro tem sido atacado por quem está com o poder de impor um padrão urbano. Este processo é visível no Maracanã. Os entrevistados têm como ponto em comum, uma nostalgia em relação ao antigo “Maraca” e muito desta nostalgia se baseia nas lembranças das festas promovidas em dias de jogos. Além é claro dos grandes jogos que ali se realizaram. O clima do Maracanã para quem pôde presenciar e fazer parte desta atmosfera, mesmo com a negligência do poder público, mesmo com a total falta de conforto em um jogo no Antigo Maracanã durante décadas é lembrado com carinho por todos. O estádio atual é confortável, tem bom escoamento, tem serviços e é sim mais preparado para oferecer segurança aos espectadores. Mas o preço do conforto, da modernização e da segurança foi a presença dos que ajudaram a tornar o Maracanã um estádio singular.

5 Considerações Finais.

O objetivo desta monografia foi entender através da revisão bibliográfica e da entrevista aos frequentadores do Maracanã, como esta relação tem se estabelecido ao longo dos últimos anos, o papel delegado ao torcedor de baixa renda, uma vez que não pode frequentar o estádio devido às barreiras econômicas estabelecidas. Como o frequentador atual percebe o estádio no qual assiste aos jogos, bem como perceber de que maneira o antigo Maracanã é lembrado. E assim pensar em uma alternativa para que a administração do estádio não seja tão excludente com o torcedor que tinha no Maracanã uma de suas principais opções de lazer.

O caso Maracanã é um recorte muito simbólico de um modelo urbano que vem sendo pensado para a cidade do Rio de Janeiro nas últimas décadas. O direito à cidade dos que não possuem poder aquisitivo para fazer parte deste modelo é cerceado e apenas os detentores do excedente de capital tem acesso ao lazer, cultura, moradia digna, educação de qualidade e saúde. O Estado se exime de qualquer responsabilidade e delega diversos aspectos de sua gestão para iniciativa privada e tais administrações estabelecem um perfil desejado para que possam explorar financeiramente.

O Maracanã se encaixa no contexto uma vez que o Estado, apesar de ter custeado suas obras, delegou sua administração para um consórcio e este consórcio passou a filtrar, através do preço do ingresso e do padrão de comportamento exigido, o perfil de torcedor que poderia frequentar aquele espaço. O torcedor de baixa renda, por não ser um potencial consumidor dos serviços que o estádio passara a oferecer, também não poderia disfrutar das instalações modernas, confortáveis e seguras da nova Arena. O Geraldino por não ser torcedor consumidor está fora da dinâmica do Maracanã e as torcidas organizadas sofreram sanções em relação a bandeiras, faixas e também ficam limitadas no espaço físico, uma vez que não há nenhum setor no Maracanã que não tenha cadeiras e que permitam que os torcedores tenham livre espaço para pular, cantar e festejar a sua maneira.

Conclui-se então que entre os depoimentos colhidos para esta pesquisa, que é inegável o processo de gentrificação ocorrido no Maracanã. O modelo de cidade imposto no Rio de Janeiro tem no Maracanã um recorte claro de seu funcionamento. As classes menos favorecidas economicamente foram afastadas do Estádio e seu retorno parece improvável enquanto o modelo

de gestão for pautado em ações empresariais. O torcedor que não possui condições de alimentar o consumo objetivado pelo consórcio, não é bem vindo ao Maracanã. O foco é o torcedor que pode gastar, que além do preço do ingresso, que por si só já afasta uma boa parcela dos fãs de futebol, possa gastar dinheiro consumindo todos os serviços que o consórcio oferece dentro do Estádio. É possível forma de tornar esta dinâmica um pouco menos excludente, permitindo que a população que não possui tanto poder de consumo tenha maiores oportunidades para frequentar o Maracanã. Trazendo um clima que fez do programa de ir aos jogos no Estádio Mario Filho, algo único e transcendental para o carioca.

Bibliografia.

ANDRADE, Francisco E.D.R. “**Maracanã 1948 – 2013: Estudo de caso do Estádio Jornalista Mário Filho**”. Pós-graduação em gestão de esportes,. Faculdade UNINOVE, Campus da Barra Funda, São Paulo, 2013

BARCINSKI, André. **Tchau, Maracanã, foi bom ter te conhecido. In: Folha de S. Paulo online, 4 de junho de 2013.** Disponível em

<http://andrebarcinski.blogfolha.uol.com.br/2013/06/04/tchau-maracana-foi-bom-ter-te-conhecido/>. Acesso em: 21/02/2019.

BOGDAN, R. C.; BIKKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação.** Porto: Ed. Porto, 1994. 335 p.

CARVALHO, Bruno Borges de. “**NÃO É SÓ FUTEBOL: Processo de elitização do Estádio Jornalista Mário Filho**”. UFF, Niterói. 2017.

CASTRO, Lúcio de; “**Mataram meu Maracanã. Podem chamar de Estádio Justo Veríssimo.**” 29/04/2013, < http://espn.uol.com.br/post/326086_mataram-meu-maracana-podem-chamar-de-estadio-justo-verissimo > . Acesso em: 21/02/2019

CHIMENTO, Marcelo Rutowtsch. “**A retórica da perda e a questão do patrimônio no futebol padrão-FIFA: O caso do Maracanã**”. 2016

COUTO, José Geraldo. **Futebol Brasileiro Hoje** – São Paulo: Publifolha, 2009 (Folha Explica); v. 83.

GALEANO, Eduardo, 1940- **Futebol ao sol e à sombra/** Eduardo Galeano; tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito, Porto Alegre: L&PM, 2013, 256p. : 18 cm. (Coleção L&PM, v.383)

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 2002. In **Antropologia e Patrimônio Cultural : trajetórias e conceitos** / organizadores: Izabela Maria Tamasso e Manuel Ferreira Lima Filho. – Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2012.

HARVEY, David. **Cidades rebeldes : do direito à cidade à revolução urbana /** David Harvey ; tradução Jeferson Camargo. - São Paulo : Martins Fontes - selo Martins, 2014.

MÁXIMO, João. “**Memórias do futebol brasileiro**”. Estudos avançados, São Paulo, v. 13, n. 37, dez. 1999. pp. 179 – 188. Disponível em

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010340141999000300009&lng=en&nr_m=iso. Acesso em 18/02/2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **“Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade”**. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

RINALDI, Wilson. **“Futebol: Manifestação cultural e ideologização”** Maringá v. 11, n.1, p.167-172, 2000.

SANTOS, Irlan Simões da Cruz. **“O público dos estádios: Marcos histórico da atual elitização e arenização do futebol brasileiro”**. Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE. 2014.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. **“Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: O desafio paradigmático.”** São Paulo, 2001.

RINALDI, Wilson. **“Futebol: Manifestação cultural e ideologização”** Maringá v. 11, n.1, p.167-172, 2000.

SANTOS FILHO, José Camilo dos. **“Pesquisa quantitativa versus pesquisa qualitativa: O desafio paradigmático.”** São Paulo, 2001.

GLOBOESPORTE. **“De Volta para casa, Fla quer mandar jogo contra Campinense no Maracanã”**. Disponível em:

<Globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2013/04/de-volta-para-casa-fla-quer-mandar-jogo-contr-campinense-no-maracana.html>. Acesso em 25/06/2018.